



PIMENTA, Fabio. **Antropoceno e Ecoceno nas Artes da Cena: algumas suspeitas.** Campinas: UNICAMP. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Artes da Cena - IA - UNICAMP; Orientadora: Sílvia Maria Geraldi. Bolsista CAPES.

ANTROPOCENO E ECOCENO NAS ARTES DA CENA: ALGUMAS SUSPEITAS

| Fabio Pimenta

RESUMO

Esse texto aborda um recorte das pesquisas do autor acerca da performance, da somática e da ecologia. Em linhas gerais, a obra *Estudos para Macaco* (na qual a pesquisa acontece) se estabelece em visitas de um *Homo Sapiens* contemporâneo a espaços urbanos com resquícios de natureza como pequenos bosques e praças públicas. Esses encontros buscam propiciar vivência e reflexão nas intersecções dos temas que alimentam o processo. A performance é o modo de produção artística e epistemológica. A possibilidade de uma visão de mundo mais ecocentrada é a curiosidade. Somático é o adjetivo que interessa acessar e observar no indivíduo, na realização da performance, na escrita e em todos outros desdobramentos e compartilhamentos.

Palavras-chave:

*Performance como
Pesquisa. Ecologia.
Somática.*

ABSTRACT

This text addresses a excerpt of the author's research on performance, somatic and ecology. In general terms, the work *Monkey Studies* (through which the research takes place) is established in visits of a contemporary *Homo Sapiens* to urban spaces with remnants of nature such as small woods and public squares. These encounters seek to provide experience and reflection at the intersections of the themes that feed the process. Performance is the mode of artistic and epistemological production. The possibility of a more ecocentric worldview is the curiosity. Somatic is the adjective that interests to access and observe in the individual, in the realization of the performance, in writing production and in all other developments and ways of sharing.

Keywords:

*Performance as
Research. Ecology.
Somatics.*

Abordo aqui um recorte de minha pesquisa tendo em vista que, o início dessas minhas curiosidades e de suas respectivas experimentações

práticas datam de 2013 e que a presente escrita trata de perguntas que surgiram já nos últimos momentos da pós-graduação, em 2020.

Entre 2018 e 2020 dei continuidade à obra duracional “Estudos para Macaco” no contexto do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Unicamp. Nessa etapa, possíveis diálogos, interações e intersecções entre os universos da performance, da somática e da ecologia demarcaram o cerne da pesquisa, tanto no sentido de como ela se atualizava e amadurecia em relação aos momentos anteriores, quanto daquilo que havia para ser investigado no intuito de propiciar novos desdobramentos artísticos e epistemológicos.

Tudo que foi colocado em prática e consultado enquanto fundamentação teórica e bibliográfica se revelou, ao mesmo tempo, em consonância com o momento da pesquisa e plausível de ser aprofundado. Tomemos isso como introdução para um resumo que vem a seguir acerca dos principais pilares temáticos já em suas compreensões mais atuais.

ECOLOGIA

O termo “ecologia” encontrou identificação principalmente em aspectos postulados pela Ecologia Profunda, ramificação da ecologia inaugurada por Arne Næss em 1973 (HOLANDA, 2019). Partindo de minhas próprias palavras e apreensões eles se sintetizam em: tudo no planeta tem valor intrínseco anterior ao seu valor utilitário para as dinâmicas das sociedades humanas; a espécie humana não é central para o meio ambiente e nem destacada dele; a ecologia não diz respeito ao humano cuidando do ambiente, mas cuidando de si, pois são indissociáveis, Considerando que todos os elementos, fenômenos e espécies que compõem a Terra estão interconectados com a experiência de existir nela.

A ideia de “Três Ecologias” como delineada por Félix Guattari (1993) também alimentou as proposições ecocentradas da pesquisa. Dessa perspectiva, equilíbrio e desequilíbrio ecológico não dizem respeito somente à preservação da natureza propriamente dita, mas também, a harmonia ou desarmonia em todos os espaços (mesmo que urbanos), nas relações neles estipuladas e no universo da subjetividade como um todo.

Aqui, além da amplitude do que pode ser pensado como ecologia e de forma ecológica, se revela a proximidade dessa lógica por vezes relegada à preservação da natureza, com questões palpavelmente presentes no cotidiano de

todos. Atrélado ao prefixo “eco”, o autor alerta para a prevenção de perigos tais como racismos e fanatismos que desencadeiam em “fechamentos reacionários”. (GUATTARI, 1993, p.17).

Por fim, os desejos ecológicos emergidos se estabilizaram como anseio por contribuir com uma visão de mundo (e interação com ele) mais ecocentrada, ou seja, que repense a predominância de atitudes antropocentradas.

Essas últimas são compreendidas a partir do conceito de “antropoceno” enquanto nome da Era geológica na qual vivemos e na qual o comportamento da espécie humana é o eixo central das transformações da litosfera, hidrosfera e atmosfera do globo terrestre (DAVIS; TURPIN, 2015).

Soma-se a isso as esferas relacionais e subjetivas sublinhadas por Guattari (1993) e a consideração de mitologias e cosmovisões que legitimam a dominação e predação do mundo por parte dos humanos que habitam os patamares mais altos das hierarquias sociais como raiz comum de inúmeras tragédias planetárias: da injustiça social mais absurda e explícita, até as sensações amargas mais íntimas e escondidas.

PERFORMANCE

A performance integra meus processos como linguagem artística que transborda em forma de se colocar no mundo e de investigá-lo gerando e pulsando conhecimento. São pelos caminhos da performance que organizo oportunidades de ruptura com as normatividades que me interessa problematizar.

É assim que estabeleço o lugar e as condições para experiências que me aproximem de uma perspectiva ecocentrada, desde a escolha de um bosque o qual frequentar, até a forma de o sentir, respirar e escutar. Em resumo, as questões aqui abordadas dificilmente poderiam ser tocadas de outra maneira senão por uma performance-pesquisa.

Ao longo desses últimos três anos, as possibilidades mais recorrentes de interação com o bosque que acolheu minhas práticas foram: apenas estar no bosque, quebrando minhas próprias tendências e rotinas; interações mais proativas com o meio, iniciadas por mim, porém, evitando o protagonismo humano, buscando na verdade diluição e horizontalidade; e, por fim, o bosque sozinho em seu encantamento mais inerente e alheio à nossa espécie, manifestando-se por si só.

Cada uma dessas facetas mapeadas ao longo das práticas da pesquisa, aos poucos, se aproximou das leituras que aconteciam em consonância. Os tópicos que caracterizam uma visão de mundo que repensa e vira do avesso a mitologia antropocênica subliminarmente instaurada e naturalizadamente executada emergiram gradualmente de cada dia da performance.

Um aprendizado muito importante foi confiar na performance e em seu tempo como método de pesquisa prática, transdisciplinar e processual. As reafirmações dos conceitos encontrados na bibliografia apareciam sutilmente e cabia ao performer-pesquisador afinar a percepção e inventariar esses acontecimentos. Tendo o universo da Prática como Pesquisa como referencial, assumo como característica de minha abordagem metodológica a prática e a pesquisa em situação de horizontalidade (GERALDI, 2019).

ADJETIVO: SOMÁTICO

As teorias da somática alimentaram uma importante atualização nessa etapa da pesquisa. Desde o início ela se pretendeu tácita, empírica e realizada no “corpo” do próprio performer-pesquisador. No entanto, olhando para “corpo” e “indivíduo” a partir de leituras e práticas advindas da educação somática, pude de fato aproximar a pesquisa e minha própria existência.

Por não derivar de uma prática somática específica, o que se revela é um adjetivo coerente. As problematizações que estabeleço em minha relação com o espaço se dão naquilo de mais visível e também no sutil da percepção cinestésica. É no amálgama entre ser e mundo, percebido e pensado de forma proprioceptiva e muscular que vivencio e processo minhas atividades de pesquisador.

Aqui encontro embasamento para articular e compartilhar a pesquisa através de processos performáticos indissociáveis de um entendimento do corpo e do movimento não como posses e ferramentas do indivíduo, mas como sinônimos de sua existência.

Aliado ao universo da ecoperformance enquanto processo de relação e imersão performática, política e somática em ambientes naturais, encontrei processos investigativos que não prescindem de plateias e, ainda assim, se colocam em diálogo com questões latentes das sociedades contemporâneas. Caracterizam sua potência

como “simultaneamente pacífica e ágil, resistente e relacional, criativa e resiliente” (FERNANDES, 2018, p.183).

Nem todos os trabalhos que estudei e que me inspiraram se auto intitulavam “ecoperformance”, no entanto, esse termo centraliza um campo de articulação de meus anseios de artista que passa por reorganizar “espaçotempos” e buscar/escavar as “sensações e necessidades mais caras à manutenção da vida” (FERNANDES, 2018, p.183) em consonância com investigações acadêmicas.

Nos entremeios dessas buscas deparei-me com um campo da prática e do conhecimento denominado “ecossomática”. Trata-se de uma ramificação da somática que reconhece que a relação movimento-percepção-ambiente já é presente e inerente a todo esse universo, mas que, no entanto, busca tornar mais latente o olhar cinestésico para o mundo para além de si e a aplicação de suas práticas levando em consideração recíproca e horizontal as espécies e fenômenos não humanos (CLAVEL; GINOT, 2015; BETTMAN, 2009; BAUER, 2008; WALLA, 2008;2009).

Dentre o que mais chama atenção na bibliografia consultada está a equiparação da falta de consciência cinestésica de si e da ignorância de que somos, de fato, parte do mundo. Considerando esse fator como característico da Era Antropocênica, se faz plausível dizer que dele se desprendem fragilidades e violências características de nossa relação com o planeta, suas espécies e fenômenos, entre os próprios humanos e de um humano sobre si mesmo.

Como já apontado, as práticas somáticas coadunam com o desejo de realizar uma pesquisa “na própria pele do pesquisador” justamente porque aprofundam aquilo outrora entendido como “pele”, “corpo”, “percepção” e “movimento” em sinônimos da própria experiência de existir. Da mesma forma, os modos de vida e eventos questionados pela pesquisa tendem a se revelar conectados com a ilusão de cisão entre corpo, mente e ambiente. Em outras palavras, com a ilusão da dicotomia entre ser humano que possui e controla um corpo e ser humano existindo no mundo.

Para Robert Bettmann (2009), as práticas somáticas são caminhos concretos para acessar a ecologia profunda e para dialogar com eventos planetários iniciando pela parte do mundo que é mais íntima a cada pessoa: ela própria. Já para Walla (2009), olhar para si, frente a enormes crises planetárias, pode parecer pouco, mas é corporeificar o ativismo ecológico. É por essa perspectiva e caminho que pretendo contribuir enquanto performer e pesquisador.

ALGUMAS SUSPEITAS

Obviamente não cabe no folego de um mestrado encontrar todas as respostas para as perguntas levantadas. É justamente considerando essa realidade que ressalto a potência de direcionar o foco de uma pesquisa para seus processos investigativos plausíveis de serem continuados. À altura das revisões finais da escrita da dissertação de mestrado, os resultados mais potentes que surgiram foram perguntas, percepções que ao mesmo tempo reafirmavam os caminhos traçados e vivenciados ao longo do processo e os apontamentos para desdobramentos futuros.

A pergunta que se estabelece no momento atual é, se práticas voltadas para o movimento e para a percepção, embasadas pela somática e pela performance, podem revelar, motivar ou estabelecer uma visão de mundo mais ecocentrada dentro de uma sociedade predominantemente antropocentrada.

O que tenho certeza é que a estrutura da pós-graduação e do Instituto de Artes da Unicamp me possibilitaram experimentar muito palpavelmente as questões e os procedimentos investigados. Pude ver concretizada e reafirmada a possibilidade de articular questões importantes tanto para a academia como para a sociedade como um todo de forma prática e performática.

Posso afirmar com plena sinceridade que vivenciei momentos ecocentrados a partir das práticas ecossomáticas e performáticas que estabeleci. Percebi diversas vezes, a diluição de uma imagem impregnada em minha subjetividade: a de um macaco que desce da árvore, evolui para Homo Sapiens e ganha o mundo e o direito de o subjugar.

Nos compartilhamentos da performance (presenciais acidentais, presenciais para convidados e materiais multimídia organizados no site-instalação www.estudosparamacaco.art) busquei aproximar o outro ao máximo daquilo vivenciado por mim na realização da performance.

Ao mesmo tempo, as práticas das quais derivam esses recortes compartilhados são também resultados da pesquisa, são caminhos de uma busca para vivenciar somaticamente um “ecoceno” simultaneamente real e ficcional. Momentos ecocentrados tácitos e empíricos, mesmo que efêmeros. São caminhos experimentados e comprovados que podem ser repetidos, ensinados e dos quais outros registros podem ser compartilhados.

Interessado em dar continuidade a essas investigações, em especial guiado pela curiosidade acerca da relação entre práticas do movimento e da percepção, e objetivos de vida sustentáveis e ecocentrados, vejo a importância de compartilhamentos diversos e frequentes aliados a constância da realização de práticas que colocam em movimento os conhecimentos e questões abordadas como uma plataforma de pesquisa inesgotável.

Bibliografia

BAUER, Susan. Body and earth as one. In: METZ, Mark (Ed.). *Conscious Dancer*. Berkley: Conscious Dancer International, 2008, p. 8-9. Disponível em: <<https://susanbauer.com/wp-content/uploads/2010/07/Ecosomatics-CONSCIOUS-DANCER-8-9.pdf>>. Acesso em: 12 nov 2018.

BETTMANN, Robert. *Somatic Ecology: Somatics, Humanity and the Human Body*. Saarbrücken: VDM Verlag, 2009.

CLAVEL, Joanne; GINOT, Isabelle. Por uma ecologia da somática? In: ICLE, Gilberto. (Org.). *Revista Brasileira de Estudos da Presença*. Porto Alegre: UFRGS, jan./abr. 2015, v. 5, n. 1, p. 85-100. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/presenca>>. Acesso em: 19 nov 2018.

DAVID, Heather; TURPIN, Etienne. *Art in the Anthropocene: Encounters Among Aesthetics, Politics, Environments and Epistemologies*. Londres: Open Humanities Press, 2015.

FERNANDES, Ciane. *Dança Cristal: da arte do movimento à abordagem Somático-Performativa*. Salvador: EDUFBA, 2018.

_____. Somática como pesquisa: autonomias criativas em movimento como fonte de processos acadêmicos vivos. In: CUNHA, Carla; PIZARRO, Diego; VELLOZO, Marila Annibelli (Orgs.). *Práticas somáticas em dança: Body-mind Centering™ em criação, pesquisa e performance*. Brasília: Editora IFB, 2019, p. 121-138.

GERALDI, Silvia Maria. A prática da pesquisa e a pesquisa na prática. In: CUNHA, Sabrina; PIZARRO, Diego; VELLOZO, Marila (Org.). **Práticas Somáticas em Dança: Body-Mind Centering™ em criação, pesquisa e performance**. Brasília: Editora IFB, 2019.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. 9ª ed. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1993.

HOLANDA, Gabriela Wanderley de. *Sopro D'Água: Corpo-ambiente criando (de)composições em dança*. 2019. 297 p. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

WALLA, Nala. *Rewilding: A path towards embodied activism*. 2008. Disponível em: <<http://www.bcollective.org/html/writing.html>>. Acesso em: 20 fev 2020.

_____. *Playground (v 1.0): ecosomatics at work and play in the landscape*. 2009. Disponível em: <<http://www.bcollective.org/html/writing.html>>. Acesso em: 20 fev 2020.